



A casa brasileira

Maria Ruth Amaral de Sampaio

Há quase uma década e meia, Carlos Lemos, na introdução de seu livro *Cozinhas, etc.*, dizia que o "que interessa é compreender melhor a casa popular autêntica, dentro do quadro de nossa sociedade... é procurar vislumbrar dentro da simplicidade despojada da casa popular as constantes intencionais sempre presentes, apesar da pobreza e carência de meios... sem um mergulho profundo, até as raízes da habitação popular – mergulho no tempo e no espaço, que dissequem a moradia para ver como as funções da habitação foram e estão sendo exercidas no espaço arquitetônico – não poderemos planejar nada".

Em vez de um enfoque meramente técnico-construtivo, Carlos Lemos inovou defendendo uma abordagem sociológica, "por englobar a maior soma de dados, ainda não bem interpretados ou compreendidos, além daqueles com certeza ainda desconhecidos e nebulosamente suspeitados". Partindo do estudo das funções da habitação, do estar, repouso noturno, do serviço e da verificação de como essas funções são exercidas, de como elas se superpõem dentro de um espaço, o arquiteto Carlos Lemos estuda nesse livro a história da evolução da casa brasileira analisando as zonas de serviço, suas alterações no decorrer do tempo e as conseqüentes implicações arquitetônicas.

Em 1979, no *Caderno de São Paulo*, edição da Rhodia, a preocupação com o morar novamente mereceu a atenção do arquiteto, no primoroso artigo "O morar no modernismo paulistano". Mais uma vez verifica-se como as funções da habitação eram exercidas entre as várias camadas sociais por volta de 1922, ano da Semana de Arte Moderna, do Centenário da Independência, época do final do ecletismo e das primeiras soluções arquitetônicas nacionalistas, neocoloniais. Embora os "programas de necessidades" das habitações do rico, do remediado e do pobre dessem ser iguais, uma vez que as necessidades são as mesmas, o que é analisado é como são praticadas as atividades de repouso, estar e serviço nas casas paulistanas dessas três camadas sociais.

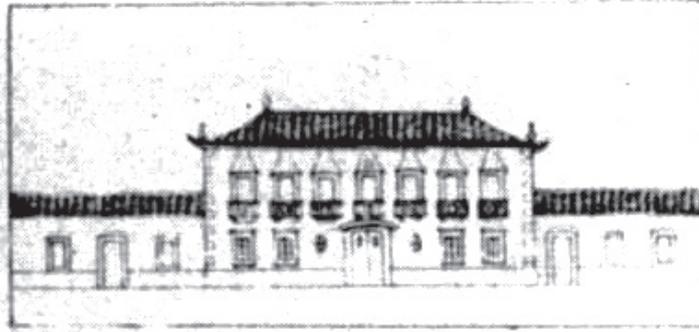
Na casa rica se procura prever sempre uma dependência própria para cada atividade, não se tolerando superposições de funções. "Das quinze ou vinte atividades domésticas que podemos arrolar e que vão desde as lides culinárias até o repouso ou o lazer, todas elas são exercidas separadamente, em ambientes apropriados. Muitos deles sendo exclusivos de cada pessoa e sempre com previsão de criadagem solícita."

A moradia da classe média é a que apresenta maior soma de ocorrências quanto à evolução do programa nesses anos de modernidade; através dela é que temos o retrato da moradia paulista desse período. "É a época dos sobradinhos Ford, todos feitos em série, onde era extirpada qualquer veleidade personalista. Eram casas em que a criada e o lixo cruzavam o interior da sala única para atingir a rua de todos."

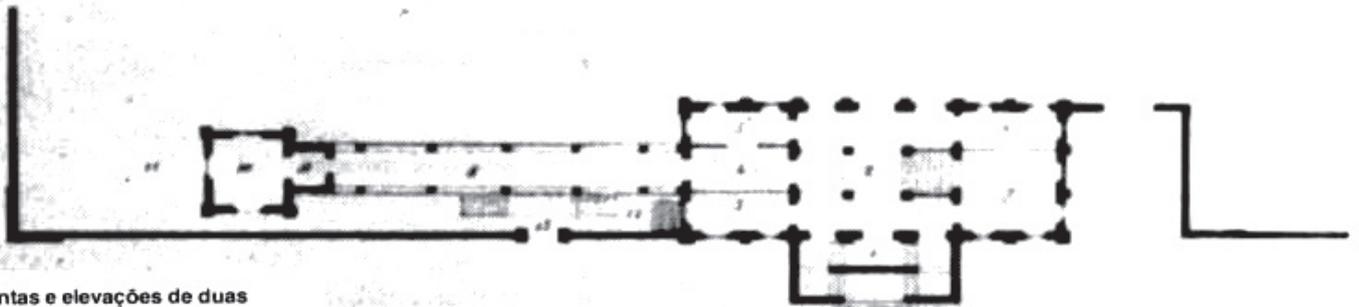
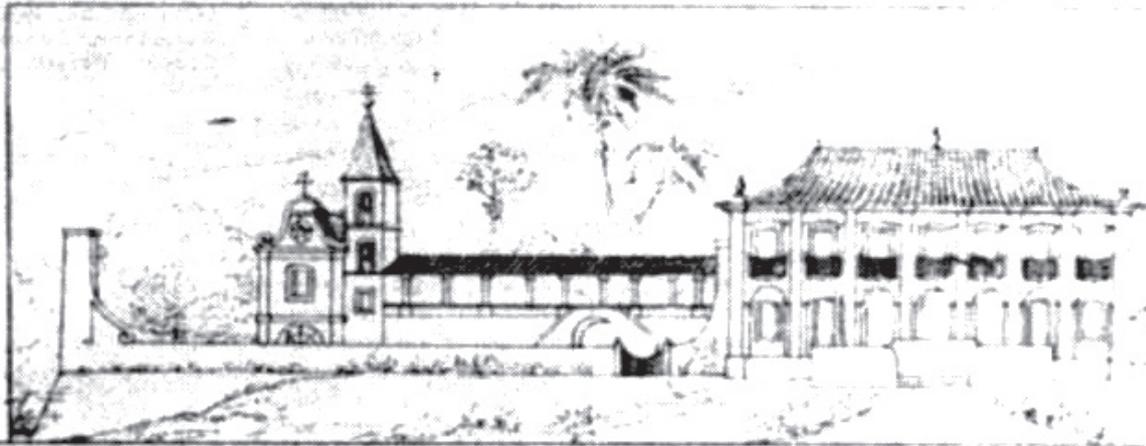
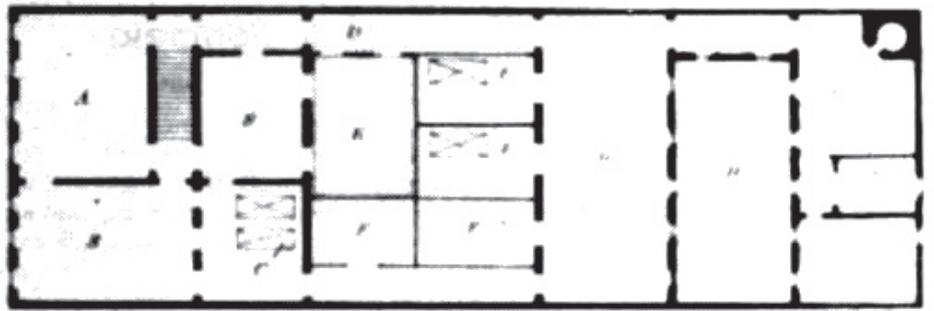
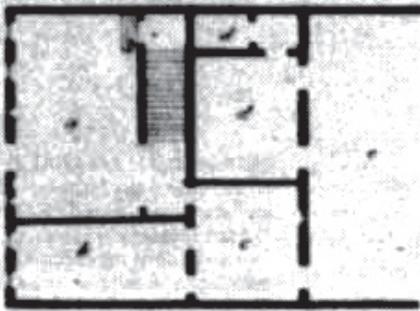
As comidas eram ainda trabalhosas e perecíveis, e nada podia ser guardado sem risco de azedar. As geladeiras eram esfriadas por uma pedra de gelo guardada num compartimento de fo-

MARIA RUTH AMARAL DE SAMPAIO é professora assistente doutora da FAU-USP, Departamento de História. Pesquisadora no campo da habitação, é autora, junto com Carlos Lemos, de *Habitação popular paulistana auto-construída*.

História da casa brasileira, Carlos Lemos. Editora Contexto, Coleção "Repensando a História".



BRIGITTE



Plantas e elevações de duas casas-grandes, de Debret

lha de flandres situado num armário de madeira com jeito de cofre-forte. A pedra de gelo chegava todas as manhãs, com o pão e o leite.

"Os pobres, como é sabido, moravam mal. Na casa pobre quase sempre havia a total superposição de funções num ou dois ambientes. Mesmo quando a casa cresce um pouco, persiste a superposição definidora da casa proletária: estar e serviço sempre superpostos. Fica-se à vontade na cozinha, costura-se, ouve-se rádio na cozinha, as crianças fazem lição na cozinha e a família reúne-se aos domingos na cozinha para comer e ouvir o jogo de futebol."

Durante os anos 20, o operário continuou a morar precariamente em casas de aluguel, pois eram poucas as casas próprias, e assim mesmo de estrangeiros e nos bairros fabris. Os muito pobres e sem qualificação moravam em cortiços.

Na *História da casa brasileira*, Carlos Lemos mais uma vez retoma a análise da casa numa perspectiva histórica que abrange desde as raízes ibéricas ao apartamento de hoje.

Enfatizando que o ato de morar é uma manifestação de caráter cultural, e que enquanto as técnicas construtivas e os materiais variam com o progresso, o habitar um espaço, além de manter vínculos com a modernidade, também está relacionado com os usos e costumes tradicionais da sociedade.

Carlos Lemos lembra que a função básica da casa é a função abrigo, e que a casa deve ser entendida como um invólucro seletivo e corretivo das manifestações climáticas, enquanto oferece as mais variadas possibilidades de proteção.

São inúmeras as atuações cotidianas dentro da casa. Sua quantidade sempre foi muito variável no tempo e no espaço, e sua tendência é diminuir com o progresso. Hoje, muitas das ações deixaram de ser exercidas no lar devido às providências da indústria, tanto no que diz respeito às necessidades do dia-a-dia como às condições técnico-construtivas. Lemos retoma a metodologia adotada nas duas obras citadas anteriormente e enfatiza que a característica da casa de um povo determinado ou de uma região, ou ainda de uma classe social, é o conjunto de critérios que regem a superposição ou a distribuição de atividades dentro de um mesmo espaço.

O que inova na obra do arquiteto-historiador é que o interesse de uma moradia está, muito mais, no seu aspecto sociológico do que nas suas qualidades arquitetônicas, decorrentes da técnica construtiva e de intenção plástica.

Nessa breve *História da casa brasileira*, que sem dúvida é parte de um projeto mais amplo, englobando sua obra anterior, são pesquisadas por Carlos Lemos as raízes ibéricas da moradia, seus vínculos com a oca indígena e até perceptíveis compromissos com a África, com o oriente, na influência possível da Índia no alpendre, numa das tentativas de contornar os incômodos de clima inclemente.

Percorrendo as casas rurais, os engenhos, as casas urbanas, as marcas do imigrante italiano na casa paulistana com a introdução de novas técnicas construtivas, assim como as influências deixadas pelos imigrantes nas habitações do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, a casa do calor úmido do norte amazônico ao nordeste açucareiro, do sertão do agreste e das montanhas mineiras do Ciclo do Ouro, Carlos Lemos vai descrevendo numa prosa impecável a variedade da morada brasileira: as casas do século XIX resultantes da influência da corte no Rio de Janeiro e dos progressos resultantes da Revolução Industrial, a luz, por exemplo, que mudou os hábitos caseiros, os horários.

Introduz-se com o progresso uma nova visão de conforto; no final do século, as famílias receberam os benefícios da água potável, do gás, da energia elétrica. "As conveniências tecnológicas aproximaram o banheiro da cozinha, igualmente merecedora, em nome do conforto, de água corrente na pia das panelas. E a casa brasileira entrou no século XX ostentando esses cômodos necessariamente vinculados, grudados, inseparáveis; mesmo nas casas assobradadas, o banheiro era sempre no pavimento térreo, ao lado das panelas. Só com a popularização das lajes de concreto é que o banheiro passou a ficar justamente em cima da cozinha, garantindo a proximidade sempre econômica."

No decorrer do século XX, as transformações na vida doméstica trazidas pelo progresso chegaram à casa através da introdução de eletrodomésticos. O ferro de passar, que chegou após a Primeira Guerra, os refrigeradores, os aspiradores de pó, o liquidificador, a máquina de lavar



Fachada da residência Ferdinand Pierre, de Dubugras

roupas, o rádio, o som eletrônico que começou a dominar o lazer doméstico "substituindo o piano com muito proveito porque era acessível a qualquer momento do dia ou da noite, ao contrário dos outros instrumentos musicais dependentes da boa vontade dos intérpretes da família".

A partir dos anos 40, nova modalidade de construção residencial, a autoconstrução, alheia aos códigos de obras e regras, sem um plano geral, começa a aparecer como uma das únicas alternativas que as classes trabalhadoras tinham para resolver seu problema de abrigo. Nessas habitações, "há o isolamento do local de dormir, sempre minimizado e o destaque do local de estar, invariavelmente confundido com a cozinha". Tal superposição de atividades de estar, lazer e serviço num mesmo espaço, deixando isolado o repouso, torna-se a característica da casa popular, especialmente daquela construída pelo próprio usuário. Enquanto isso, "a classe média aburguesada tem suas pequenas residências, mormente apartamentos, caracterizadas por outro tipo de superposição: estar e lazer coabitando com o dormir e o sofá-cama simbolizando essa classe, pois raramente ele é encontrável numa casa proletária".

Hoje, a televisão é a responsável pelas "fundamentais alterações na vida íntima das famílias, com óbvios reflexos na organização espacial, o que o rádio fora incapaz de efetuar". A classe média uniu a sala de jantar à sala de estar e decretou o fim definitivo da sala de visitas. Aos poucos, também a televisão vai tirando o lazer das cozinhas operárias – em todos os programas surge o novo elemento, a sala de televisão. Nas casas mais abastadas, as televisões foram invadindo as zonas de repouso, instalando-se nos dormitórios, o mesmo acontecendo com os aparelhos de som.

A família moderna "está estruturada de modo diferente. Novos hábitos emanados de uma nova tecnologia que alterou fundamentalmente os meios de comunicação". E, observa Carlos Lemos, enquanto "antigamente as famílias rezavam juntas, hoje seus membros ouvem separados...".